TL 1025

«HAMUTUK NAFATIN»

Junho 1993

CIDAC - Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral
R. Pinheiro Chagas, 77 - 2º E. 1000 Lisboa - Tel.: 3528718, Fax: 534009

5/6/93

Diário de Notícias		Expresso	
Público		O Independente	
Jornal de Notícias	X	Semanário	
Jornal de O Dia			

Continuação

Continua

FITEI
FESTIVAL INTERNACIONAL
DE TEATRO
DE EXPRESSÃO IBÉRICA
FITEI
PORTO
XVI EDIÇÃO – 29 DE MAIO A 9 DE JUNHO
FITEI
PORTO
ESPECTÁCULOS - HOJE
ÀS 18h00 — ESPECIAL TIMOR-LESTE
COOPERATIVA DO POVO PORTUENSE
ENTRADA LIVRE
ÀS 18h00 — CANJANA
JUVENTUDE EM MARCHA (CABO VERDE)
COOPERATIVA DO POVO PORTUENSE
ÀS 22h00 — LORCA MALDITO
TALLER DE TEATRO ALGAZARA (ESPANHA)
AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO
ÀS 22h00 — BECO – A ÓPERA DO LIXO
PONTO DE PARTIDA (BRASIL)
RIVOLI
VISITE A EXPOSIÇÃO
«LA ARQUITECTURA EN ESCENA» – M.O.P.T. – MADRID
R I V O L I – Todos os dias a partir das 14h00
A GRANDE CENA DO TEATRO – Apoio JN

CONTAR COM AS SUAS PRÓPRIAS FORÇAS

A participação no Fitei obrigou a encontrar resposta para vários problemas, um dos quais foi: como é que se iam suportar as despesas que o projecto implicava, sobretudo os transportes dos elementos do grupo para os ensaios?

Diversas possibilidades foram levantadas mas revelaram-se como modalidades muito morosas e de resultados duvidosos.

Finalmente foi decidido contar com as próprias forças do grupo. Surgiu assim a ideia - à semelhança do que a comunidade timorense faz na Austrália - de organizar um sistema de venda de rifas que permitisse angariar os fundos necessários.

A proposta foi aceite por todos e fizeram-se 500 rifas, no valor de 100$00 cada, que foram distribuídas pelos membros do Hamutuk Nafatin e das organizações de solidariedade. Foi a sua venda que constituiu a grande base de apoio para a actividade do grupo.

Saliente-se ainda que a organização do Fitei ofereceu as refeições (almoço e jantar) no dia do espectáculo e que uma empresa de transportes ofereceu a viagem ao Porto.

DESPESAS

Pano preto	4.930$00
Papel autocolante para as letras	3.400$00
Velas	1.140$00
Cola e trinchas	1.300$00
Transportes de/para os ensaios	29.400$00
Motorista da camioneta para o Porto	5.000$00
TOTAL	**45.170$00**

RECEITAS

1. Rifas: foram vendidas 338 rifas, correspondendo a um total de 33.800$00.

2. Doação: houve uma doação de 5.000$00.

3. Iniciativa da Feira do Livro: a venda de boletins de A Paz é Possível em Timor-Leste, da CDPM e da Tapol rendeu 1.500$00, que estas organizações decidiram atribuir ao Hamutuk Nafatin para as despesas relativas à iniciativa do Fitei.

Rifas	33.800$00
Doacção	5.000$00
Vendas na Feira do Livro	1.500$00
TOTAL	**40.300$00**

SALDO

Despesas	45.170$00
Receitas	40.300$00
Diferença	-4.870$00

Verifica-se, assim, que neste momento existe um **saldo negativo** de **4.870$00**, suportado por elementos das organizações de solidariedade.

XVI FITEI

FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE EXPRESSÃO IBÉRICA

29 Maio a 9 Junho 93

PROGRAMA COMPLEMENTAR DO XVI FITEI

Exposições - "A arquitectura em cena" (produção do Ministério das Obras Públicas e Transportes de Espanha) - Teatro Rivoli

- "Fotografia - XV FITEI" - Auditório Carlos Alberto

Debate - "Arquitectura e teatro: risco, gesto, voz" (participação dos arquitectos João Paulo Rapagão, Fernando Maia Pinto, João Carreira, Pedro Ramalho e Rogério Cavaca; moderação de Alexandre Alves Costa) - Teatro Rivoli, 5 de Junho, 10 horas

Conferência - Pedro Barea (professor da aula de teatro da Universidade do País Vasco) - Teatro Rivoli, 3 de Junho, 16 horas

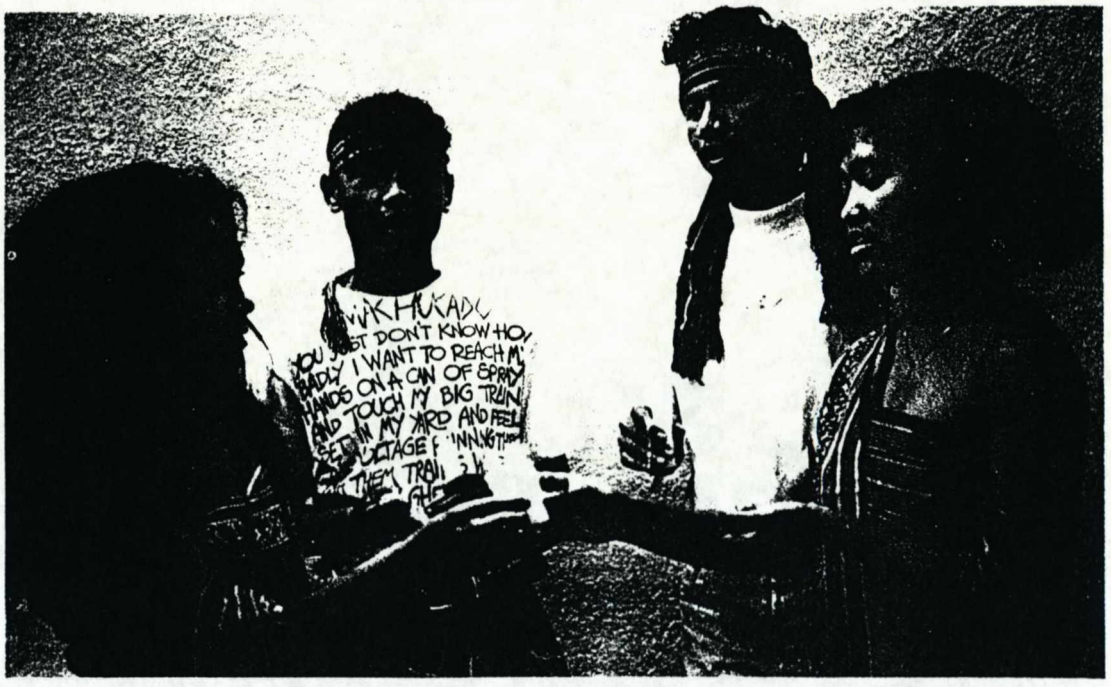
Livro - IV Feira do Livro de Teatro (colaboração da Livraria Leitura) - Teatro Rivoli

Vídeo - Mostra de vídeos de teatro (colaboração de Alfavídeo) - Teatro Rivoli

Colóquios e Encontros (a anunciar) - Teatro Rivoli

Folha informativa do FITEI - Publicação diária, distribuição gratuita

Especial - TIMOR-LESTE



Auditório Nacional Carlos Alberto - 5 de Junho - 16 horas

Um grupo de jovens refugiados timorenses, que tomou o nome de **Hamutuk Nafatin** (Sempre Juntos), decidiu assinalar o primeiro aniversário do 12 de Novembro com uma simulação do massacre de Santa Cruz. O entusiasmo criado por esta experiência levou-os a dar-lhe continuidade. Ao grupo inicial outros jovens timorenses se associaram. Assim nasce "**Uma história timorense**", trabalho colectivo sobre ideia de Tiago Constantino, dirigido por Miguel Loureiro, um homem de teatro e da educação que já dirigira "O Grito" - Grupo de Resistência e Intervenção de Timor-Oriental.

"Nascer em Timor. As primeiras memórias povoam-se de cantos fúnebres. Herda-se uma identidade escravizada. A luta processa-se em silêncio, olhos nos olhos. Mas eis que canções de embalar celebram o sangue novo e a esperança de liberdade.
Morrer em Timor. O espírito transmitido de geração em geração une-se numa só chama. Mesmo se a violência dos tiros interrompe danças inocentes, esmagando movimentos e formas, o ritmo perdura.
Renascer em Timor. O eco dos testemunhos transfigura-se, alimenta danças guerreiras. Danças com novos guerreiros. Com a chama do presente. Com a chama do futuro."

Coordenação - Ana C. Silva, A. Pinto Pereira e José Amorim. Encenação - Miguel Loureiro. Direcção Musical - Fernando Soares. Músico - Fernando Soares (viola acústica). Diapositivos - Comissão para os Direitos do Povo Maubere (CDPM).
Intérpretes - Alda Beatriz, António Soares, Carlos Vides, Célio Gusmão, Dina A. Assis, Emídio Gomes, Filomena Henrique, Francisco C. Martins, Hélio Gomes, Hénio Bonaparte, Hermínia Ximenes, José M. Branco, João P. Silva, Júlio Gonçalves, Leónia Ximenes, Licínio Ximenes, Lídia G. Alves, Lúcia M. Costa, Moisés Vicente, Narciso B. Lobato, Sofia Branco, Vicente João, Zacarias da Silva.
Colaboração do Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul.

FITEI
PORTO

FOLHA INFORMATIVA Nº 8
4 JUNHO 93

"BECO-ÓPERA DO LIXO" ESTREIA AMANHÃ

Crítico mas ao mesmo tempo lúdico, bem-humorado e vibrante, assim se poderia definir o trabalho do grupo brasileiro Ponto de Partida. "Beco-Ópera do Lixo" tem direcção de Regina Bertola e conta a história, os sonhos e as "alucinações" dos moradores de um beco pobre do Brasil. Frustrados, fracassados, patéticos e no limiar da marginalidade, os seus personagens rondam a loucura. Apesar de todos os pesares, o espectáculo consegue trazer uma nota de alegria e de delírio saudável.

"CRISTOBAL COLÓN" ATRACOU ONTEM NO PORTO

A co-produção do Teatro Estable de Barcelona e da CRTEA, da Venezuela, estreou ontem com a peça "Cristobal Colón". A apresentação deste trabalho era aguardada com grande expectativa, por ser considerada um dos momentos mais altos do FITEI.

Posto em cena por Kiddio España, a partir de um texto do dramaturgo belga Michel de Ghelderode, este espectáculo consegue virar completamente do "avesso " a vida e a obra daquele que foi um marco na descoberta da América: Cristovão Colombo. Irónica, mordaz e acutilante, esta peça leva o espectador por caminhos estranhos e distorcidos, à descoberta de um personagem inteiramente novo.

"Cristobal Colón" mostra-nos um herói-aventureiro embrenhado num mundo onde a falsidade e a hipocrisia "dão cartas". Se não conseguiu estar presente na estreia nem tudo está ainda perdido. O espectáculo volta a subir ao palco esta noite, no Rivoli, quando forem 22h00.

"NASCER EM TIMOR, MORRER EM TIMOR, RENASCER EM TIMOR"

Destaque especial para o trabalho que o grupo de jovens refugiados timorenses Hamatuk Nafatin (Sempre Juntos) decidiu apresentar aos portuenses. O espectáculo tem entrada livre, chama-se " Uma História Timorense" e vai ter lugar amanhã na Cooperativa Povo Portuense, pelas 16h00. Lembra que a luta do povo maubere pela auto-determinação continua, tendo resultado de uma criação colectiva a partir da ideia original de Tiago Constantino.

Tudo começou quando estes jovens decidiram assinalar a data do primeiro aniversário do 12 de Novembro, com uma simulação do massacre no cemitério de Santa Cruz, em Díli. O impacto obtido na experiência levou o grupo a continuar estas performances.

Numa altura em que Xanana Gusmão, o ex-líder da guerrilha timorense, se encontra em greve de fome depois de ter sido condenado pelas autoridades indonésias a prisão perpétua (as últimas notícias dão-nos conta de que está a ser torturado); numa altura em que, apesar de circularem todos os dias informações credíveis sobre as barbaridades a que a população timorense continua a ser sujeita, a comunidade internacional não faz gestos claros para pôr cobro à situação, importa sobretudo não deixar morrer a esperança nos corações de todos quantos continuam a acreditar que a paz é possível em Timor-Leste.

FITEI
PORTO

FOLHA INFORMATIVA Nº 9
5 JUNHO 93

UM «GRITO DE LIBERDADE» POR TIMOR-LESTE

Xanana Gusmão está preso, mas não está sozinho. Numa altura em que aumentam as pressões para um imediato e ininterrupto acesso a Xanana Gusmão, que deu início a uma greve de fome, na semana passada, em protesto pela retirada ilegal de 13 presos de Timor-Leste, chegou a vez do grupo de jovens refugiados timorenses Hamatuk Nafatin (Sempre Juntos) manifestar o seu inconformismo e revolta perante a decisão das autoridades indonésias de condenarem o ex-líder da guerrilha timorense a prisão perpétua.

Para mostrar aos portuenses a sua solidariedade para com Xanana, o Hamatuk Nafatin vem ao FITEI para apresentar, hoje, na Sala da Cooperativa Povo Portuense, às 16h00, «Uma História Timorense». Fruto de um trabalho de equipa, este espectáculo foi concebido por Tiago Constantino e é dirigido por Miguel Loureiro, um homem do teatro e da educação. Como em todas as actividades do Programa Complementar do FITEI, a entrada é livre.

O grupo ganhou corpo graças ao impacto que conseguiu junto da comunidade internacional, quando decidiu assinalar a 12 de Novembro, o primeiro aniversário do massacre ocorrido no cemitério de Santa Cruz, em Díli. Esta experiência foi um estímulo para que estes jovens continuassem a despertar o interesse do mundo para a situação em Timor, dando assim continuidade à luta do povo maubere, em prol dos seus ideais, do seu direito à tão desejada auto-determinação.

«BECO - A ÓPERA DO LIXO» ESTREIA HOJE

O FITEI traz hoje ao Porto mais uma estreia. «Beco - A Ópera do Lixo» é um trabalho do grupo brasileiro Ponto de Partida, dirigido por Regina Bertola.

Este espectáculo relata o quotidiano de uns mendigos que vivem num beco e se confundem com o lixo. Para se distrairem, espreitam pela janela da casa de uma senhora idosa, que vive no mesmo bairro, para assistirem a clássicos musicais de Hollywood. O «mau da fita» é o herdeiro dos bens da anciã. Ambicioso e insensível, quer vender a todo o custo o terreno do beco, pondo fim à vida (ou morte?) dos «senhores» do lixo, que enfrentam uma realidade negra e penosa.

Acerca dos «moradores-personagens», Regina Bertola, que dirige a peça, explica que são «pessoas que só não venceram porque não tiveram competência para abandonar os seus sonhos e só não morreram porque não tiveram coragem de não abandoná-los. São seres que rondam a loucura, que enfrentam uma realidade hostil com delírios musicais. São transgressores do estabelecido, marginais do sucesso. Mendigos, prostitutas, velhos, loucos, artistas frustrados, palhaços fracassados. São, sobretudo, patéticos sonhadores. O «Beco - A Ópera do Lixo» atreve-se a contar a beleza que se esconde no lixo».

A história desses sonhos é contada hoje no Rivoli, às 22h00, pelo Ponto de Partida - um grupo que apesar de semi-profissional, actua regularmente por todo o Brasil. Já representou no Uruguai e em Angola. Desta vez, veio ao Porto.

«Beco - A Ópera do Lixo» é uma comédia musical a não perder, quer pela indiscutível qualidade literária dos diálogos quer pela selecção musical. Músicas como «New York, New York» e «Singin' in the Rain» têm como base apenas um violão e as vozes dos actores. Não perca e verá como é emocionante ver personagens enlouquecidos a dançar e a cantar ao som de clássicos de Hollywood.

Timor, Cabo Verde e Lorca no FITEI

Fim-de-semana com os mortos

MÁRIO MARQUES

Jorge Martins (sentado), autor, actor e encenador do grupo cabo-verdiano Juventude em Marcha

O ÚLTIMO sábado foi de evocação dos mortos em três dos espectáculos apresentados no FITEI. Os mortos de Timor foram lembrados às 16h e às 18h numa pequena função de quinze minutos. Um numeroso grupo de jovens timorenses, com trajos tradicionais da ilha, encenou uma cerimónia teatral com vídeos, cânticos, danças e uma simulação do massacre de Santa Cruz.

Teatro de expressão ibérica? Sem dúvida! A par da língua nativa, cantou-se em português, contaram-se histórias de torturas e perseguições, houve na Sala do Povo Portuense momentos de emoção. Foi um grande momento de comunicação através do teatro. Para os muitos estrangeiros presentes no FITEI, foi a oportunidade rara de tomarem conhecimento com uma realidade que desconheciam em absoluto.

Seguiu-se de imediato a representação de "Canjana", a peça do grupo cabo-verdiano Juventude em Marcha. Os que há um ano, neste mesmo festival, viram o trabalho deste grupo voltaram a viver horas de espanto perante uma forma de arte absolutamente inimaginável na nossas latitudes. "Canjana" é o teatro nos seus primeiros momentos de vida. O homem a descobrir que é actor. A prova de que o teatro é a única arte que não pode morrer, porque o corpo não pode deixar de o inventar todos os dias.

O autor-actor-encenador Jorge Martins é um homem de teatro completo, exímio a criar personagens e a atribuir-lhes discursos. Ele quer contar-nos uma história de seca, fome e mortandade nas ilhas de Cabo Verde; para o fazer, usa as técnicas mais óbvias, recorre abundantemente ao burlesco; para ele é natural inserir no enredo uma personagem cómica chamada Germano. De repente, é o teatro vicentino, são os graciosos da comédia europeia, é o cinema mudo, é Polichinelo e Esganarelo, é Gil Vicente e Dario Fo que aparecem diante dos nossos olhos arregalados.

Em César Lélis, o grupo tem um intérprete de recursos inesgotáveis, em cujo corpo tomam vida todas as figuras da comédia dell'arte, a malícia e a cobardia, a hipocrisia e a alegria de viver, a ganância e a melancolia de Arlequim e Brighella. Quando, esfomeado, só pele e osso, ele lembra os dias da abundância (quando das abóboras fazia penico...), não é só Maria Parda, é o próprio Job da Bíblia que fala pela sua boca, em português com inflexões crioulas.

O grupo vai descer à Grande Lisboa e representará "Canjana" para os seus patrícios na comarca da Amadora. Quem puder vê-lo e não o vir, comete um crime de lesa-cultura. Perante a frescura e energia deste espectáculo, "Lorca Maldito", à noite, no Carlos Alberto, não passou de uma vistosa antologia de "clichés" andaluzes. Homens com cabeças de cavalo, freiras e frades a dar à perna, Carl Orff, Kyrie eleisons, teatro-dança que não é teatro nem dança, Verónicas, Lorca vestido de Senhor dos Passos, gaiolas com pombinhas, de tudo isso, devidamente cozinhado, se fez um misto de baile macabro e missa flamenca para evocar o fatídico 18 de Agosto em que o poeta foi executado. Uma espanholada pseudoteatral e "déjà vue". Para esquecer.

Hoje temos no FITEI o "Dom Quixote" de António José da Silva, pela Cª de Teatro de Almada, à noite, no Carlos Alberto; ou então, no Rivoli, à mesma hora, "Le Cul de Judas", uma encenação, por actores franceses, de "Os Cus de Judas" de António Lobo Antunes. É o dia de todos os Antónios. ■

Manuel João Gomes

CIDAC - Centro de Informação e Documentação Amilcar Cabral
R. Pinheiro Chagas, 77 - 2º E, 1000 Lisboa - Tel.: 3528718, Fax: 534009
7/6/93
Diário de Notícias
Público
Jornal de Notícias
Jornal de O Dia
Expresso
O Independente
Semanário
Continuação
Continua

CIDAC - Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral
R. Pinheiro Chagas, 77 - 2° E, 1000 Lisboa - Tel.: 3528718, Fax: 534009

9/6/93

Diário de Notícias		Expresso	
Público	X	O Independente	
Jornal de Notícias		Semanário	
Jornal de O Dia			

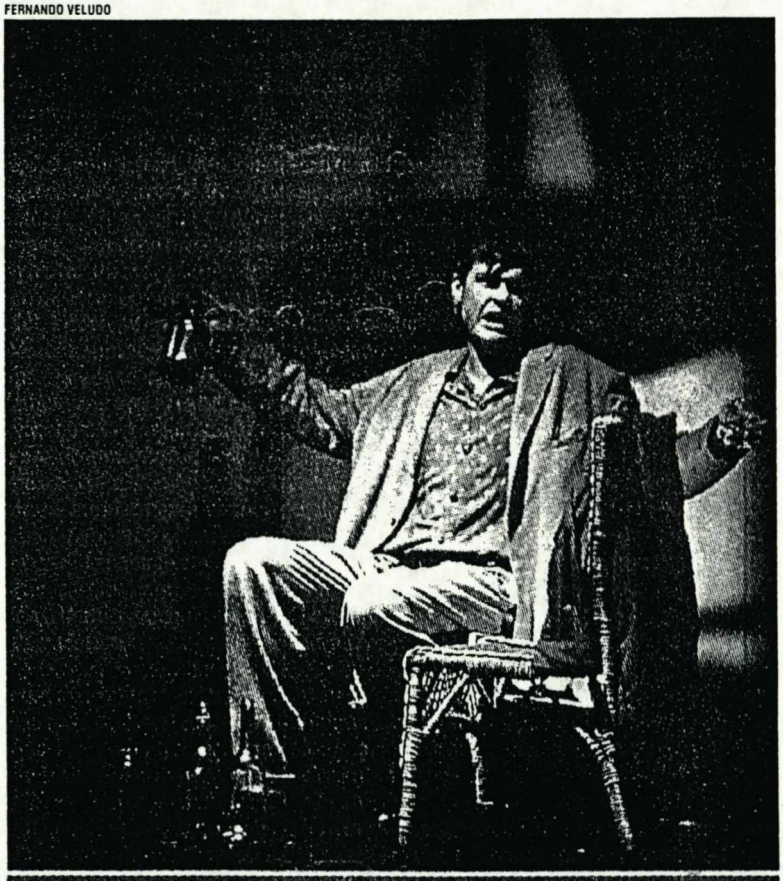
Continuação

Continua

FITEI acaba hoje

Duas horas com o dr. Lobo Antunes

FERNANDO VELUDO



Um homem conta a vida a uma mulher: desastres, memórias eróticas

NUM FESTIVAL de teatro de expressão ibérica, um espectáculo em francês só pode ser excepção. Em 16 edições, esta é a segunda vez que participa no FITEI um grupo de além-Pirenéus. Há uma justificação: "Le Cul de Judas", do Théâtre des Tafurs, de Bordéus, dramatiza o romance "Cus de Judas" do nosso António Lobo Antunes.

O grupo interessa-se, mais que tudo, por textos contemporâneos e, entre os seus autores favoritos, estão Achternbusch, Vargas Llosa e Michel Tournier. Achternbusch está, porventura, na origem deste espectáculo. Tal como na peça "Ella" de Achternbusch (que Fernando Mora Ramos encenou e interpretou em Coimbra em Janeiro passado), também aqui um homem conta a sua vida a uma mulher que o ouve sem reagir. O herói (duplo do autor?), oficial miliciano médico, conta como se despediu dos seus penates caros e parentes e se partiu do Cais da Rocha rumo a Angola, campo de batalha queimado pelo sol e encharcado em chuvas tropicais.

O cenário da narrativa é Lisboa, à noite, em diapositivos projectados, bares, vielas e escadinhas negríssimas, com uma ou outra pincelada de vermelho-sangue ou vermelho-vómito. A banda sonora é o rosnar da noite lisboeta, com um ou outro farrapo de fado, uma guitarrada, o tilintar de um eléctrico bêbado.

O monodiálogo entretece na narrativa dos desastres da guerra as memórias eróticas do médico militar, contadas sempre no tom mais abjeccionista: a obsessão da impotência, o pénis murcho, são montados com o biberão na boca do bebé que nasce quando o pai- herói se bate nas plagas africanas; e, no momento em que vai consumar a copulação com a interlocutora engatada no Cais do Sodré, o doutor não acha piropo melhor do que comparar o rosto dela com a cara desfeita de um soldado que se mata com um tiro de metralhadora.

Vindo de França, este pedaço da guerra colonial completa bem o panorama das Áfricas que os grupos de Angola, Moçambique e Cabo Verde mostraram neste FITEI e que, como de costume, são o que o festival nos deu de mais forte, de mais original, de mais novo. Moçambique trouxe-nos este ano dois espectáculos de dois grupos diferentes. E Moçambique tem mais para mostrar. E há também S. Tomé e Príncipe. Quanto mais teatro africano se vê no FITEI mais se afirma a nossa vontade de o ver, de o descobrir, de o mostrar a todo o país.

E mais se confirma o envelhecimento das propostas teatrais latino-americanas, feitas de uma arte fossilizada e conformista. Neste ano nem o Brasil escapou: apesar de muita genica dos jovens intérpretes dos "Capitães da Areia", o espectáculo estava inquinado de folclorismo e tipicismo; quanto à "Ópera do Lixo", era apenas uma revista à moda de Hollywood, divertida mas no palco errado. O Rivoli não pode ser uma sucursal da Broadway.

Ainda bem que o FITEI teve a ideia feliz de dar voz a Timor. O pequeno espectáculo-ritual que os timorenses trouxeram à sala do Povo Portuense foi um momento em que o grito de denúncia e os hinos rebeldes do povo maubere restituíram ao Festival um espírito que às vezes parece ter desaparecido. E, com estes desabafos, está quase feito o balanço do FITEI. Que acaba só hoje, à meia-noite. E até ao lavar dos cestos é vindima. ■

Manuel João Gomes